
Futebol, nacionalismo e antifascismo

Football, nationalism and antifascism

Isadora Salazar

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/4011>

DOI: [10.4000/pontourbe.4011](https://doi.org/10.4000/pontourbe.4011)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Isadora Salazar, « Futebol, nacionalismo e antifascismo », *Ponto Urbe* [Online], 22 | 2018, posto online no dia 15 agosto 2018, consultado o 22 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/4011> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.4011>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 junho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Futebol, nacionalismo e antifascismo

Football, nationalism and antifascism

Isadora Salazar

- 1 Inicia-se, então, com ajuda sonora de um carro vermelho popular de som potente instalado, o Hino Nacional brasileiro. Um dos maiores símbolos nacionalistas do país fora entoado por uma parcela de pessoas de forma orgulhosa e destemida, à medida que a outra parcela ali presente se prostrava de costas aos símbolos nacionais durante a execução do hino. Sem nomear os agentes por características ideológicas – o que será feito posteriormente para aprofundamento deste relato de campo – continuemos a visualizar esta cena. Os dois grupos, separados por uma fita que cumpria a função de cordão de isolamento, diferenciavam-se em suas bandeiras, cartazes, vestimentas e palavras de ordem diante de uma equipe de policiais, jornalistas, câmeras da imprensa e claro, um grupo de 15 pesquisadores de campo.
- 2 Em campo, estive incumbida de observar as diferentes percepções sobre o Estado e as manifestações de nacionalismo em suas diferentes formas discursivas e performances. Objetivamente, tinha que observar a atuação de movimentos antifascistas e de torcidas de futebol politicamente organizadas de dois grandes times brasileiros, Corinthians e Palmeiras, sendo elas, respectivamente, o Coletivo Democracia Corinthiana de atuação histórica durante o processo de redemocratização do país e a Porcomunas (porco em referência à mascote do Palmeiras e comunas em referência aos comunistas).
- 3 Após uma semana de preparação teórica e metodológica para a pesquisa, foram desenvolvidos dois tipos de questionários para serem aplicados e obter dados tanto quantitativos como qualitativos para futuras análises. Já em campo, os pesquisadores e pesquisadoras dividiram-se em duplas para a abordagem dos presentes e, durante 4 horas, entrevistas e coletas de dados ocorreram com bastante fluidez e com mais facilidade do que imaginávamos. Foram entrevistados homens e mulheres de diversas idades que se distinguiam no espaço como contrários ou favoráveis à vinda e atuação de Judith Butler no Brasil e que neste relato serão nomeados como conservadores e progressistas, respectivamente.

- 4 Durante alguns minutos de descanso e pausa nas aplicações dos questionários, uma cena curiosa aconteceu na rua Clélia. O campo delimitado como objeto de pesquisa, que nos oferecia fortes gritos de ordem, formas de posicionamento marcantes e visíveis, bandeiras e ideologias que singularizavam a presença de seus porta-vozes, durante alguns segundos, tornaram-se como invisíveis em face de um discreto agente em cena. Um homem de boné verde descia a rua em que as manifestações aconteciam de forma agitada, rápida. Segurava próximo à boca um aparelho celular pelo qual naquele momento se comunicava. O indivíduo, que não fazia parte de nenhum dos públicos presentes, aparentava feição séria e disse, em tom de comando “os caras da Democracia Corinthiana colocaram aqui, tem que ver o que vai fazer”.
- 5 Durante o breve momento de observação do homem de boné verde, a tensão fora mais do que perceptível. O SESC, localizado no bairro Pompeia, especificamente na rua Clélia, está a cerca de 700 metros do Allianz Park, estádio da Sociedade Esportiva Palmeiras. Além disso, boa parte dos moradores do bairro é composta por torcedores do time local. O Palmeiras, que possui grandes torcidas politicamente engajadas, como a Palmeiras Antifascista e a Porcomunas possui atuação constante nesta região, até pela proximidade do seu estádio de futebol.
- 6 Entre as inúmeras bandeiras dispostas nas paredes do exterior do SESC Pompéia do “lado” eleito como progressista, favorável à vinda da filósofa Judith Butler, uma das maiores rivalidades futebolísticas do mundo fazia-se presente com os times do Corinthians e Palmeiras. A despeito das rivalidades históricas no futebol, as torcidas politicamente organizadas dos dois times rivais paulistas suspenderam as diferenças no futebol e tornaram-se semelhantes na atuação a favor do evento que ocorria dentro do SESC. Os militantes dos dois grupos vestiam camisas que os distinguiam dos demais: corinthianos de preto e palmeirenses de verde, ambos carregando o símbolo de seus movimentos. Mas os dois times, neste caso, estavam do mesmo lado.
- 7 A torcida Porcomunas, fundada em 2013, afirma destinar-se aos “torcedores palmeirenses comunistas, socialistas, trotskistas, anti-homofóbicos e afins” – informações que estão descritas na página digital na rede social Facebook da torcida. A bandeira da Porcomunas, que era grande, de cor verde bastante viva, e que possuía ao centro o símbolo da torcida – semelhante ao símbolo do clube, sendo circular, com uma foice e um martelo ao centro, com escritas ao redor – havia sido pendurada na parede do SESC do lado de manifestantes que afirmavam apoio à vinda de Judith Butler para o Brasil e à realização de sua palestra. Não somente a bandeira como alguns dos representantes da Porcomunas encontravam-se relativamente distante dos portões em que se concentrava uma maior quantidade de pessoas e, portanto, uma maior intensidade de movimentações e ações conflituosas.
- 8 Partindo da premissa que a Porcomunas possui ideologias progressistas e antifascistas, a defesa da democracia e das minorias oprimidas no cenário brasileiro e mundial torna-se uma de suas principais pautas. Concomitantemente, o Coletivo Democracia Corinthiana, também estendeu sua bandeira – esta era preta, com um símbolo que remete o emblema do Sport Clube Corinthians Paulista, com algumas modificações, como o desenho de um punho e escritos ao redor – ao lado da torcida do seu maior rival que, ao mesmo tempo, acabara por ser um grande e próximo companheiro de luta.
- 9 Retornando ao episódio do homem que usava o boné verde, não se pode ter certeza se participava de alguma torcida, mas aparentava torcer para o Palmeiras e estar desconfortável com a presença de uma das torcidas do maior rival no local que é reduzido

da população palmeirense. A frase “os caras da Democracia Corinthiana colocaram aqui, tem que ver o que vai fazer” dita pelo indivíduo aparentava ser o prelúdio para a possibilidade de conflitos que em pouco teriam relação com Judith Butler. Após terem sido informados do ocorrido, os membros do Coletivo Democracia Corinthiana redobram o cuidado em relação à possibilidade de conflito entre torcedores não só do time rival, mas de seu mesmo time que, eventualmente, não partilhavam das mesmas posições políticas. Um dos líderes da torcida se afastou do evento e passou a mandar mensagens de áudio pelo celular em resposta à possível ameaça do suposto torcedor palmeirense.

- 10 A atuação das duas torcidas rivais aconteceu de maneira sutil, mas de forma marcante. Os militantes, que não ultrapassam o número de 10 pessoas, encontravam-se principalmente ao redor da ação a favor de Butler com o comportamento vigilante, no geral. Os “líderes”, respectivamente da Porcomunas e do Coletivo Democracia Corinthiana, demonstraram uma relação amigável entre si, usavam camisetas de seus grupos e posavam para fotos e filmagens de diversas câmeras da imprensa. É característica das movimentações antifascistas a atitude mais alerta e menos exposta, permitindo apenas a exibição de algumas figuras mais “midiáticas” participantes dos coletivos.
- 11 A utilização do espaço urbano para a manifestação de ideias e ideologias é como um palco para exercício e atuação de ambas torcidas. Segundo um dos militantes da Democracia Corinthiana, o objetivo da atuação do coletivo gira em torno da luta pela democracia, pela justiça, pela liberdade e pela universalização de direitos, contra o racismo, o machismo, a homofobia e o fascismo. Apesar desta informação ser advinda de um torcedor corinthiano, os ideais da torcida palmeirense se assemelham a estes com precisão. Marcar presença do “lado” progressista nos arredores do SESC foi, além de um apoio ao direito da realização da palestra de Judith Butler, uma atuação a favor dos direitos democráticos e de expressão.
- 12 Em contrapartida, o movimento nacionalista “Carecas de ABC”, que participava junto com a movimentação contra Judith Butler também atuava de maneira cautelosa. No auge das manifestações, uma das lideranças do ato contra Butler chegou a fazer um agradecimento público aos Carecas do ABC pedindo uma salva de palmas para este grupo nos alto falantes. Era perceptível que este grupo e os movimentos antifascistas ligados aos times de futebol constantemente se observavam em atitude de rivalidade. Ambos eram compostos por homens, ainda que mulheres estivessem presentes em outros grupos antifascistas.
- 13 Em uma tentativa de aplicar o questionário com um dos integrantes dos Carecas do ABC – sem saber previamente que o possível entrevistado em questão pertencia a esse grupo – puder notar de perto um comportamento de poucas palavras, expressões faciais duras e a recusa por estabelecer contato com indivíduos que não faziam parte do grupo. O questionário não foi aplicado e o homem deixou o lugar junto com seu grupo.
- 14 Na rua, estas rivalidades e disputas só foram apaziguadas quando a Polícia Militar formou um cordão de isolamento entre os grupos simbolicamente estendendo uma fita no meio da aglomeração. Enquanto isso, gritos de “Viva a Polícia Militar” foram altamente ecoados pelos indivíduos que cantavam o Hino Nacional e rezavam o Pai Nosso.

AUTOR

ISADORA SALAZAR

Graduada em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Foi pesquisadora PIBIC de iniciação científica com o tema de gentrificação na cidade de São Paulo. Atualmente desenvolve pesquisa sobre manifestações políticas de torcidas antifascistas (antifas) na capital paulista. É pesquisadora do Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual na FESPSP.